



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**GEANE DE SANTANA AGUSTINHO**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CONTRIBUIÇÃO DO PROCESSO DE  
ALFABETIZAÇÃO**

**CAMPINA GRANDE  
2024**

**GEANE DE SANTANA AGUSTINHO**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CONTRIBUIÇÃO DO PROCESSO DE  
ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento às exigências e normas para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

**Orientador(a):** Prof. Dr. Maria do Socorro Moura Montenegro

**CAMPINA GRANDE  
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A284c Agostinho, Geane de Santana.

A contação de histórias na contribuição do processo de alfabetização [manuscrito] / Geane de Santana Agostinho. - 2024.

28 p.

Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024. "Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro , Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC. "

1. Contação de histórias . 2. Alfabetização . 3. Aprendizagem . I. Título

21. ed. CDD 372.6

GEANE DE SANTANA AGUSTINHO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CONTRIBUIÇÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento às exigências e normas para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

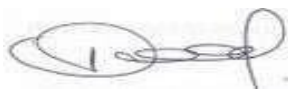
Aprovada em: 14/06/2024.

**BANCA EXAMINADORA**



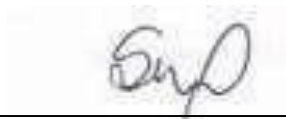
---

Prof. Dr. Maria do Socorro Moura Montenegro (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Me. Diego de Lima Santos Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão  
Universidade Estadual da Paraíba

Dedico esse trabalho a Deus por ter me capacitado a concluir esta graduação, e a minha família, por apoio, amor e dedicação para comigo.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de começar expressando a minha gratidão a todas aquelas pessoas que fizeram parte desta minha caminhada, e tornaram possível conseguir alcançar a realização de finalizar esta graduação, em especial aos meus pais que foram meu alicerce neste processo, além de apoio, incentivo e cuidado sempre estiveram torcendo por mim, a vocês meu eterno amor e admiração.

Ao meu esposo José Ricardo de Jesus, agradeço por todo amor, cuidado, zelo, dedicação e paciência cá comigo, você foi parte essencial este meu processo, e deixou tudo muito mais leve, a você meu eterno amor.

Agradeço também á memória do meu irmão José Geraldo de Santana Agostinho, que sempre esteve torcendo por mim, agradeço por todo companheirismo de uma vida, pelo seu apoio, cuidado e atenção, lamento por você não está junto a mim para me vê realizar este sonho, dedico a ti minhas eternas saúdes.

Estendo meus agradecimentos aos meus colegas de curso, ao meu grupo de colegas, e em especial a minha amiga Jessica Batista da Silva, por todas as risadas, concelhos e parceria nos trabalhos, e também a minha amiga Raquel Patricia Brito da Silva, que esteve junto a mim desde o inicio até a mudança de turno, que me ajudou no período remoto com as ferramentas tecnológicas que eram novas para mim, obrigada por tudo eu nunca vou esquecer do seu apoio.

Agradeço a minha orientado Prof.<sup>a</sup>.Dra. Socorro Moura Montenegro, pelas sugestões de leituras, pela paciência e colaboração comigo, suas sugestões foram essenciais para a conclusão deste trabalho, como também a banca examinadora a qual dedicou seu tempo para ler meu artigo, gratidão.

Não poderia deixar de enaltecer a importâncias dos professores que juntos fizeram parte de minha formação, obrigado por todo ensinamento, foi muito gratificante partilhar estes 4 anos com vocês, carrego comigo um pouquinho de cada um.

E por fim, agradeço a Deus por todas as graças alcançadas em

minha vida, Sem ele nada disto seria possível, foram muitos desafios até chegar aqui, mais sua presença se fez constante em cada momento, e foi minha força para continuar.

“A alfabetização é mais, muito mais, do que ler e escrever. É a habilidade de ler o mundo”  
(Paulo Freire).



## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender como a contação de histórias pode contribuir no processo de aprendizagem. O intuito foi considerando a importância da contação de histórias, seu percurso histórico e como se dá a alfabetização. Para isso, foram utilizadas pesquisas bibliográficas, que valendo-se de artigos, sites acadêmicos, revistas e estudos teóricos, que tiveram como base autores como Ana Teberosky; Freire, Bernadino, Gama Soares entre outros tantos, que defendem que a criança tem que se sentir parte da contação de histórias. Ela precisa se envolver, e ter oportunidade de interagir e também expressar seus gostos, e sentimentos. A pesquisa mostra o quanto benéfico é para a criança ter contato com a contação de histórias, não apenas na parte da leitura, mas também na parte cognitiva, interacionista e afetiva.

**Palavras-Chave:** aprendizagem; alfabetização; contação de história.

## **ABSTRACT**

This work aims to understand how storytelling can contribute to the learning process. The intent was to consider the importance of storytelling, its historical development, and how literacy occurs. To achieve this, bibliographic research was conducted, utilizing articles, academic websites, magazines, and theoretical studies based on authors such as Ana Teberosky, Freire, Bernadino, Gama Soares, among others, who argue that children must feel part of the storytelling process. They need to engage, have the opportunity to interact, and express their tastes and feelings. The research shows how beneficial it is for children to be exposed to storytelling, not only in terms of reading but also in cognitive, interactive, and emotional aspects

**Keywords:** learning; literacy; storytelling.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 BREVE HISTÓRICO CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....</b>	<b>14</b>
<b>3 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>4 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO ..</b>	<b>20</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo principal compreender como a contação de histórias pode influenciar no processo de ensino e aprendizagem das crianças. Vivemos em um mundo frenético, onde tudo está acontecendo muito mais rápido que alguns anos atrás. Com a tecnologia avançando cada vez mais, o hábito de ler livros e contar histórias foi sendo ultrapassado, tornando-se um grande desafio despertar nas crianças o prazer pela leitura. Ao contar uma história o ouvinte e o contador enriquecem seu vocabulário, aumenta sua percepção de mundo, e seu imaginário é constantemente estimulado, permitindo que ambos passem por diferentes culturas.

Ao longo dos anos em que trabalho com a educação, pude perceber que ainda é numeroso a quantidade de crianças que não estão alfabetizadas e já se encontram fora do ciclo de alfabetização, que atualmente se encerra no 2º ano do Ensino Fundamental. Por isso, vi a necessidade de pesquisar como se dá a alfabetização nos anos iniciais, sabendo que a literatura colabora com a socialização, a interação, e o desenvolvimento cognitivo da criança. A criança que é imersa em leituras é mais estimulada do que aquelas que não são. Por isso, decidi pesquisar como a literatura infantil pode colaborar no processo de alfabetização.

Este trabalho parte de uma revisão bibliográfica. Segundo Cervo (1983,p.55) a pesquisa bibliográfica “busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existente sobre um determinado tema ou problema.” Para confecção deste trabalho, foram utilizados artigos eletrônicos da literatura Nacional, revistas, pesquisas no google acadêmico, no portal da CAPES. Para ser realizada a pesquisa, foram utilizadas as palavras-chaves: contação de histórias, ensino e aprendizagem, e apareceram 15.900 resultados, como é um número exorbitante para serem analisados um por um, então, para a escolha das leituras, foram utilizados os critérios de serem artigos que se encaixasse na temática por meio dos pontos que seriam abordados que seriam eles : Breve Histórico da contação de Histórias; A Importância da Contação de Histórias, O Processo de Alfabetização e a Contação de Histórias no Processo de

Alfabetização.

Ambos tiveram como base grandes referências do mundo acadêmico como Freire (1996); Soares (2003); Leão (2011); Ferreiro (1999) e Gama (2017) entre outros que buscam compreender o contexto histórico da contação de histórias,

sua relevância no mundo acadêmico, e como se é construído o processo de alfabetização. Por fim, foram excluídos aqueles que não se encaixava na abordagem dos temas já citados.

Este artigo é de alta relevância para o meio acadêmico, pois trata de questões centrais de toda alfabetização: a leitura, a aquisição da escrita, e o desenvolvimento cognitivo da criança. Sendo assim, espera-se que, com o estímulo da leitura possamos contribuir para o processo de alfabetização, para que tenhamos bons leitores e escritores sem tantas dificuldades.

## 2 O BREVE HISTÓRICO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A contação de histórias é uma prática utilizada desde os nossos antepassados, fazendo parte dos nossos ancestrais, por essa razão, era utilizada como uma forma de manter viva a cultura de um povo, que contavam e recontavam histórias de uma geração para outra. Tolkien(2006) realça que não há uma data definida para o início da contação de histórias, mas não podemos esquecer que esta prática já era utilizada por cristo que já contava parábolas ‘textos curtos com conteúdo moralista’, há mais 2024 anos. Com o avanço crescente das tecnologias, a meu ver, está cada vez mais sendo deixado de lado o hábito de contar histórias. Por volta da década de 70, era muito comum vermos, ao passar nas calçadas, grupos de pessoas contando histórias ou lendas, ou então parentes reunindo-se nas casas uns dos outros para escutarem os idosos falarem de sua mocidade, das lendas, contos etc. E o quão fascinante era aquele momento; todos paravam para escutar, jovens, adultos e crianças, e se maravilhavam com aquele esplendoroso momento de troca de saberes e vivências.

Essa experiência passada de pessoa para pessoa valoriza a cultura local, pois traz contida suas histórias as características de um determinado povo, cultura, maneira de lidar com a língua, e com a linguagem, de ver e entender o mundo conforme cada comunidade por onde as histórias passaram (Coentro, 2008, p.20)

Ao entrar em contato com a literatura infantil, a criança é estimulada a sentir prazer ao escutar um conto, uma fábula ou qualquer outro gênero literário, provocando nela o encantamento de ler por prazer, sem cobranças ou fins moralistas ou pedagógicos. Não podemos esquecer que uma criança que começa a ler cedo, além de ter um vasto vocabulário, poderá ter uma escrita melhor.

É importante ser pontuado que a contação de histórias vem se reinventando ao longo do tempo. No início, o seu papel principal, segundo David (2016p.68) era: “A literatura voltada às crianças teve início no século

XVII com Fenelon (1651-1715), que visava a educação moral dos leitores por meio de histórias moralistas”.

Baseado na afirmação de David, podemos perceber que a literatura infantil não era prazerosa no início de seu surgimento, mas sim uma prática que aliava aos costumes moralistas da época, fazendo com que, por meio da leitura, fosse passado os conceitos morais e éticos para colaborar com o processo de formação do indivíduo. Ainda é bem comum vermos textos com essa mesma abordagem, que ao final da leitura sempre têm uma lição para ser aprendida, como é o caso das fábulas, cuja as principais características são moralista. Por isso, é importante investir na formação do professor para que esses equívocos, não ocorram na prática da literatura infantil. Embora saibamos que professores, de um modo geral, não têm culpa de terem uma visão ultrapassada da literatura infantil, levando em consideração que não foram formados com uma fundamentação teórica sólida que pudesse contribuir para a construção leitora da criança. Segundo Gama (2017), “única universidade que tem contação de histórias como obrigatória é a de Metodista Granbery, que começou ofertando a disciplina como eletiva, mas, diante de sua importância foi instituída como fixa na grade curricular”. Nota-se que as demais faculdades utilizam a contação de histórias mais no período de estágios em creches; fora isso ela é pouco valorizada ainda no meio acadêmico, apesar de sua grande importância na fase escolar mais crucial para a criança.

Sabemos que a contação de histórias auxilia no processo de alfabetização de crianças, assim como no processo de Alfabetização de Adultos, isto é, em turmas da EJA. Muitos têm uma vivência de mundo, que pode ser aproveitadas pelos professores por meio de suas narrativas. Entendendo que é a partir daí que se realiza o processo de alfabetização, sobretudo quando se utiliza temáticas ligadas ao cotidiano do aluno, que despertam sua atenção e facilitam a compreensão. Quando a leitura da palavra vem aliada a algo que traz significado para o aluno ou aluna da Eja, o processo de aprendizagem torna-se mais eficaz.

## 2.1 A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A contação de história é uma das bases para a formação do leitor mirim. Se bem contada, marcará a criança para o resto de sua vida. Não se pode passar pela infância sem ter ouvido histórias de seus pais, de seus tios ou de sua professora. Além disso, a contação de histórias permite que as crianças desenvolvam melhor suas emoções e ampliem sua percepção de mundo.

É importante ressaltar que a contação de histórias tem o papel de instigar e provocar o interesse pela leitura, pois sabemos que ela perpassa também pelo processo de alfabetização e, assim sendo, iniciantes do processo de alfabetização.

Lembremos Freire (1989, p. 9 ) quando afirma que “ A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, levando em consideração que, muito antes das crianças começarem a entenderem o som dos grafemos e fonemas, entre outros passos que colaboram para o início da formação leitora, elas já leem. Isso porque estão inseridas em um mundo letrado, e, nesse mundo, embora não leiam palavras ou frases, são capazes de compreender o contexto no qual está inserida. Portanto, podem ser capazes de ler uma placa de banheiro, apenas pela imagem, assim como pode contar e recontar histórias que ouve em casa. Por isso, a contação de histórias deve ser utilizada como uma ferramenta aliada dos alfabetizadores.

A contação de histórias é uma estratégia que pode favorecer de maneira significativa a prática docente (...) A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui , desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa (...) (Bernadino; Souza, 2011, p.236).

Ao ouvir uma história, a criança aumenta o seu vocabulário e as suas percepções do mundo à sua volta. Nesse sentido, sem dúvidas, um horizonte novo que se abreem sua vida. por isso, é importância enfatizar que a contação de histórias deve deve estar presente constantemente na rotina dos pequenos.



Deve ser uma atividade planejada e bem elaborada, pois contar histórias exige habilidades, como a forma de contar, a tonalidade da voz mudando a cada personagem, as expressões faciais, e os recursos utilizados.

É como uma peça de teatro em que você dá vida a vários personagens e emoção a história deles. Não é apenas contar por contar; deve existir um planejamento antecipado desta prática para que ela não seja utilizada apenas como uma atividade para preencher o tempo vazio que sobrou ao decorrer da rotina.

Para contar uma história, seja qual for, é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes (...) Capta-se o ritmo, a cadência do conto, fluindo uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o a das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... E tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro (...) Ela é o uso simples e harmônico da voz. (Abramovich, id, 1997, p. 18).

Como Abramovich (1995) deixa explícito, para contar histórias você precisa saber como fazer, considerando que é um conjunto de habilidades que, se bem executadas, dão vida a uma história e atraem, por consequência o ouvinte. Como já dissemos, a contação de histórias contribui para o processo de alfabetização. É por meio dela que os pequenos começam a ter interesse em aprender a ler, de forma autônoma, seus próprios livros. Para que isso aconteça, segundo (Torres; Tettamanzy, id, 2008) é importante que seja dada a criança a oportunidade de participar e se sentir inserido na atividade de contação de histórias. Ou seja, ela tem que se sentir parte deste momento; tem que haver uma interação. Além disso, o gosto literário deve ser levado em conta. Ao serem apresentadas uma variedade de gêneros, deve-se perceber qual atrai mais aquele público. O professor deve planejar esta atividade com as crianças e para elas. Mas como fazer isso? Uma das formas mais eficazes é observando as rodas de conversas, que dizem muito sobre o que pode ser planejado, as curiosidades e dúvidas das crianças. Elas estão na fase de descobertas, e tudo é novo e encantador.

Vários estudiosos enfatizam que, quando a criança se interessa por histórias, sua imaginação é estimulada, melhorando seu desenvolvimento físico- motor, suas habilidades comunicativas e também o seu esforço para de ouvir, contare recontar histórias para os seus pares. Contar histórias tem o poder de contribuir no processo de aquisição da linguagem nas crianças, possibilitando um aumento de novas palavras em seu vocabulário, além de contribuir no desenvolvimento do intelecto e das relações afetivas. A contação de histórias não tem como parâmetro apenas o contexto educacional, mas também outros contextos como, tradições, identidades, aspectos sociais, entre outros (Giordano, 2013). Com o avanço das tecnologias, ouve um grande aumento de crianças que ouvem histórias por meio da televisão, ou internet, mas devemos ficarmos atentos com essas histórias, pois elas acabam minimizando as capacidades psicológicas, a abstração, limitam a imaginação e a memória. Segundo as revistas saúde abril e revista globo sociedade, o uso de telas cada meia hora a mais diariamente, aumentam 49% o risco de atrasona fala.

Por isso, é importante que o professor em incentivar a leitura, proporcionando um ambiente agradável, acolhedor e estimulador, podendo realizar rodas de leituras que possibilitem que todas as crianças participem da dinâmica, enxerguem as encenações ou ilustrações contidas nos livros infantis, ressaltando sempre que ler não é apenas decodificar palavras, mas conseguir atribuir significado às coisas e ao que conhece.

De acordo com Maia (2011), a contação de histórias deve ser inserida desdeos primeiros anos de vida na Educação Infantil, e também podem ser aliadas às estratégias de letramento. Por isso, é crucial que as bibliotecas das escolas possam disponibilizar um acervo rico, para que os profissionais possam ter autonomia para selecionar os livros que melhor se adequar ao seu público, respeitando os fatores série, idade e interesse da turma. Além disso, é importante que esses livros estejam disponíveis para os alunos, para que, mesmo sem saberem ler, possam ter contato, folhear e descrever as imagens, pois o uso do livro gera autonomia nos sujeitos.

### 3 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização se dá de diferentes formas, mas, devemos sempre levar em consideração o saber do educando, mediante a contação de histórias, pois tanto a criança, como o adulto deve ser um sujeito ativo e participativo deste processo de aprendizado. O domínio da escrita e da leitura exige não apenas de quem está sendo alfabetizado, mas também do alfabetizador que, queiramos ou não, ambos precisam interessar-se pela aprendizagem para que ela possa acontecer.

É sabido que, ao iniciar a alfabetização de uma criança ou de um adulto, devemos sempre levar em consideração os seus saberes prévios, que podem ser iniciados com uma sondagem para constatar o que cada criança ou adulto já sabe em relação à leitura e à escrita, quais contatos já tiverem e se tiveram com a leitura e a escrita, pois, quanto mais cedo a criança e o adulto tiver contato com os livros, e com a linguagem escrita, melhor para adquirir a capacidade de compreensão sobre as reais finalidades da leitura e da escrita, já que estas devem fazer parte do contexto social no qual estão inseridos. A linguagem escrita como prática social, foi ignorada durante muitas décadas em direção de toda uma prática tradicional centrada na copia e no professor como detentor de todo conhecimento, que perdurou por muito tempo como verdade absoluta e ainda é bastante utilizado, não que seja uma prática que não funcione, mas os seus métodos em partes são bastante criticados e podem dificultar o processo de aprendizagem, pois nele o conhecimento da criança não é levado em consideração, apenas o do professor como transmissor de conhecimento, em que ele expõe seus saberes como “verdade absoluta”.

Diante disso, a criança é o receptor e o professor é o dono da verdade, porque nessa visão não há espaço para a mediação do professor em sala de aula, isto é, a criança, nem o adulto era um ser participativo. Portanto, na alfabetização tradicional, um dos recursos pedagógicos bastante utilizado era a cartilha, em que nela vinham conteúdos voltados para a letra, a palavra, a sílaba e a figura ligada a esta palavra, e em seguida outras palavras que enfatizava as sílabas relacionadas aquela letra, mas era um livro que não

trazia significado algum para a criança, sendo que na sua maioria as figuras e palavras contidas nela eram distintas da sua realidade, então era ler por ler, junto a essa prática se uniam a memorização das letras, das sílabas e da família silábica.

A alfabetização gira em torno de três aspectos importantes da linguagem; a fala, a escrita e a leitura. Analisando estes três aspectos, tem-se uma compreensão melhor de como são as cartilhas ou qualquer outro método de alfabetização (CAGLIARI; OLIVEIRA; LEÃO, 1999, p.82).

Segundo Oliveira e Leão, s. d(2017 p.05) “o uso das cartilhas não permite ao alfabetizando o espaço de falar e, sem a fala, inutilmente o processo de alfabetização se conclui”, ou seja, se torna uma alfabetização vazia, em que não há sentido em nada que se faz. Deve ser analisado na execução da aprendizagem também o erro, mas não como uma crítica, ou algo ruim, já que ele faz parte da aquisição do conhecimento. É uma parte bastante significativa, pois com ele podemos perceber o que aquela criança aprendeu, até onde ela sabe e se ela deve ou não avançar de fase. Ele também mostra onde o professor deve focar para suprir esta lacuna. Algumas crianças têm medo de tentar algo novo, de tentar escrever alguma palavra, justamente por este medo de errar, e pelo estigma que foi colocado no erro, como algo vergonhoso, sinônimo de incapacidade, como se a pessoa se limitasse ao erro, mas é justamente por causa dele que as pessoas podem passar a evoluir.

Na aprendizagem, temos que levar em conta que cada um aprende ao seu tempo, uns com mais facilidades outros com menos, e de diferentes maneiras. Neste processo de aquisição da leitura e da escrita a criança passa por diversos estágios cognitivos de desenvolvimento. Antes de uma criança se alfabetizar, ela passa por alguns processos. Para Emília Ferreiro e Ana Teberosky, a criança passa pela hipótese até se apropriar da linguagem escrita, como a distinção do desenho para a escrita, do filme para o real, da imagem e do texto. Na teoria da psicogênese, os principais níveis de hipótese são: pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e alfabética.

A **pré- silábica** é a primeira fase da alfabetização. Nela estão presentes as garatujas, que são os desenhos que as crianças utilizam como forma de escrita e representação. A grafia e a sonorização nesta etapa ainda não fazem vínculos; a sua escrita é compreendida apenas por ela, só ela sabe o que quis expressar por meio de seus rabiscos e desenhos. O realismo nominal é muito presente: a escrita deve representar o nome do animal.

Se o animal é grande deve ser escrito em letras grandes e com muitas letras; se o animal for pequeno, ela faz o nome pequeno e com poucas letras. Por exemplo, na fase **pré- silábica**, acredita-se que “boi” seja um nome com mais letras e a escrita tenha uma forma bem maior em relação a “formiga”, é pequena. É nesta fase que se deve começar a distinção do desenho e da escrita.

Na **hipótese silábica**, já se começa a escrita representando a fala. Ela utiliza uma letra para representar a emissão de um som, buscando a máxima representação sonora da gráfica. A representação **simbólico-alfabético** já é um estágio de hipóteses com grandes avanços, pois nele a criança já reconhece o som das letras e começa a combinar vogais e consoantes em uma mesma palavra, embora que sua escrita ainda não seja socializáveis. Por último, na fase alfabética já se tem estabelecido a compreensão da escrita como função social. As palavras são separadas ao serem escritas, distinguindo uma palavra da outra, a escrita é posta com instabilidade, e o valor sonoro das letras é reconhecido.

Com tudo o que já foi exposto, vimos que, embora a aprendizagem seja feita de hipóteses e etapas, apenas segui-las e respeitá-las não basta. Ensinar é um processo longo que exige muito do educador, ele tem que ser alguém que busque a todo momento se reinventar, e se atualizar com as diferentes práticas.

A aprendizagem se dá muito antes da criança adentrar na escola. O processo de colocar a criança como um ser significativo na sua aprendizagem inclui levar em consideração vários aspectos, como sua vivência de mundo, os seus saber anteriorese permitir que ela seja um ser atuante sobre sua história é essencial para tornar uma criança mais confiante .

#### **4 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Alfabetizar um sujeito é, sem dúvidas, uma tarefa árdua, pois é necessário que o professor tenha muita leitura e estudo para que ele possa desenvolver um trabalho sério e comprometido, com vistas à aprendizagem da leitura e da escrita da criança e/ou do adulto.

Sabemos que no nosso país há uma enorme quantidade de analfabetos. Além disso, temos muitas pessoas em situações de miséria, que não tem o básico, como moradia, alimentação ao menos três vezes ao dia, saneamento básico, entre outros. Isso dificulta cada vez mais este processo, tendo em vista que há casos em que afetam o desempenho escolar, como, por exemplo, estudar com fome. Muitos têm a merenda escolar como a única refeição do dia, ou, se não, a principal. A pesquisa “Conta Pra Gente Estudante- Grande Rio” expõe dados alarmantes sobre a insegurança alimentar no estado do Rio de Janeiro, em que 56% das crianças dependem da merenda escolar.

[...] formar leitores em nosso país é um grande desafio, já que existem diversos fatores que influenciam negativamente essa formação, como: a discrepância entre o preço dos livros e a condição social dos alunos das escolas públicas; a falta de bibliotecas e salas de leitura; o convívio de crianças com adultos, inclusive professores, que não são leitores literários, entre outros (Coentro, 2008, p.1)

Como articula Coentro, são várias as discrepâncias sofridas pelos nossos alunos/leitores, a classe social, sem dúvidas, tem grande influência na formação de alunos/leitores. Não podemos afirmar que temos livros com preços acessíveis para todos os públicos, e muitas escolas não dispõem de bibliotecas. Quando dispõem, muitas vezes, o aluno não tem livre acesso a ela, pois podem estar sendo utilizadas como depósito de livros didáticos, para passar um filme ou fazer um trabalho.

Quando se fala no convívio com adultos letrados, essa situação se torna ainda mais crítica. Levando em consideração que nosso país ainda tem uma taxa de 5,6 % de analfabetos, houve uma queda significativa de 490 mil

analfabetos a menos em relação a 2019, segundo o jornal da USP. Mas ainda é um número exacerbado.

Mesmo que em sua grande maioria este número seja composto por idosos, isso afeta as crianças, pois muitas moram com os avós ou passam a maioria do seu tempo com eles enquanto os pais trabalham .

Por outro lado, ao longo do tempo, os conceitos de letrado e alfabetizado foram sendo modificados. Em 1996, por exemplo, eram consideradas pessoas letradas aquelas que sabiam ler e escrever com compreensão frases curtas. Pessoas não letradas eram aquelas que não executavam esta ação. Segundo Soares (2003), até a década de 40, a distinção entre analfabeto e alfabetizado era feita perguntando-se ao indivíduo se sabia ou não assinar o próprio nome. Hoje, a concepção de letrado não é necessariamente sabe ler e escrever, mas sim pessoas com conhecimento de mundo que sabem usar seu conhecimento de acordo com as demandas sociais.

Atualmente, sabemos que existem várias formas de letramento, como o letramento literário, o letramento digital, letramento visual , matemático, linguístico, acadêmico entre outros . Ou seja, uma pessoa com letramento em uma determinada área é alguém com apropriação daquela temática, que a conhece e sabe usar para um determinado fim de acordo com o que se é exigido. Ser letrado não é apenas saber ler e escrever; eu posso ter um bom letramento acadêmico e ser analfabeta no letramento digital. Temos que compreender essa variedade de letramento. Partindo da visão de que diferentes formas de leitura e da escrita vêm sendo discutido nas interações com a sociedade, autores como Barton (1994) e Street (2003) apontam que “não há apenas um tipo de letramento, como na visão autônoma, mas letramentos plurais, como podemos observar em expressões como ‘letramento digital’ ou ‘letramento plural’” (Coentro, 2008, p. 15). Ao afirmar sobre os letramentos plurais, Coentro (2008), reforça que “estamos imersos a uma variedade de letramentos”.

A escola vê o letramento como uma prática alfabetizadora, com o intuito maior de ensinar a leitura dos códigos e do sistema da língua, sem levar em consideração saberes do sujeito. Assim, descontextualiza o letramento, tendo como foco maior a preocupação em alfabetizar, sem reconhecer o que a criança já sabe ou ouviu, os textos que ele já leu ou leram para ele. Nada

disso é levado em consideração e, de certa forma, os inibe de serem coadjuvantes da sua própria história.

É importante ressaltar que Freire (1996,p.44) afirma que “toda criança traz consigo uma bagagem, portanto ela não é um papel em branco onde o professor irá escrever novos conteúdos”. Assim, podemos perceber a importância de compreendermos os saberes dos educandos. O professor não é o detentor de todo o conhecimento, e é muito mais rico quando se há uma troca de experiências.

Contudo, a escola tem grandes dificuldades para o desenvolvimento do letramento literário, que, por sua vez, é o grande problema da escola: instigar a leitura literária prazerosa e transformar alguém em um bom leitor em uma sociedade totalmente digital. Vejo isso como uns dos maiores desafios da atualidade em que vivemos. A tecnologia, ao mesmo tempo que, possibilita o acesso a uma variedade de livros de forma rápida, também contribui para que as pessoas se tornem menos leitores. Há várias estratégias que o leitor se utiliza para ler menos, muitas vezes lendo um resumo de uma obra, mesmo sabendo que paga um preço por não ter lido. O hábito de ler é algo que vai sendo construído aos poucos, pela observação, pela prática, pela escuta etc.

A contação de histórias é uma das práticas primordiais nesse processo, embora seja tão desvalorizada e tendo maior reconhecimento na educação infantil. Mas é nela que um dos primeiros contatos com o mundo literário acontece. É por meio da contação de histórias que se estabelece um caminho mais curto para chegar aos livros. Os gêneros literários usados na contação de histórias infantis são quase sempre contos de fadas, mitos e histórias de assombrações. Antes de a criança adentrar na escola, ela já teve contato com alguns deles; não são algo desconhecido. O professor pode contar a história da chapeuzinho vermelho de forma prazerosa, e mesmo que a criança nunca tenha visto aquela narrativa, já conhece a história, pois já viu o desenho na televisão ou celular, ou alguém já a contou. Esse sentimento de familiaridade aproxima a criança da narrativa, fazendo com que ela interaja.

Mas contar histórias e ler livros não deve ser uma prática apenas da Educação Infantil; deve começar na educação infantil e perdurar pelas séries seguintes, mudando as formas de se contar. Devem ser valorizadas não apenas as leituras de massa, os clássicos, que são importantes, mas



literaturas locais, os cordéis, os autores que falam da realidade daquele povo, os vários tipos de narrativas, para que esse sentimento de pertencimento vá se estabelecendo.

É inegável que, embora a oralidade seja algo de suma importância, a escrita acaba ganhando um grau de superioridade, e isto não é algo recente. Por exemplo, as pessoas tinham que aprender a fazer o nome, ou “escrever” apenas com o intuito de tirar seus documentos e votar, e isso era concebido como sendo alfabetizado, numa visão muito restrita de alfabetização.

Sabemos que o cidadão que não sabe o que escreve é muito mais fácil de ser manipulado e enganado, mas a imagem que se passa é a de que escrever o próprio nome já é suficiente, quando sabemos que a escrita basta. Para a escola a escrita tem um papel importante porque exige mais do aluno do que a oralidade.

A oralidade é vista como sendo uma modalidade desorganizada, variável como contexto e heterogênea enquanto que a escrita é lógica, racional, estável e homogênea. A oralidade é não planejada enquanto a escrita sim; a oralidade não obedece a regras e normas como a escrita o faz; a oralidade é efêmera enquanto que a escrita é permanente no tempo e no espaço. Dessa forma, a escrita levaria os indivíduos a estágios mais avançados e complexos do pensamento e daria acesso por si mesma ao poder e a mobilidade social (Coentro, 2008, p.7).

Levando em consideração Coentro (2008), ele nos diz que a oralidade é vista como algo desorganizado, enquanto que a escrita é concebida de forma lógica e racional. Reconhecendo que, na oralidade, as palavras, em sua maioria, são menos formais e não necessita de tantas regras. Embora compreenda que a oralidade também exige um planejamento de falas, mesmo que seja em formas diferentes da escrita. Um palestrante, por exemplo, antes de ministrar sua palestra, faz toda uma preparação: organiza um roteiro, segue um modelo e sabe o que pode ou não falar para aquele determinado público. Isso também são exigências a serem seguidas, assim como na escrita. Na escrita, o locutor ou autor tem certa autonomia entre a situação de produção e o texto ou discurso produzido, mostrando que, na escrita, o locutor ou escritor é mais

autônomo para realizar algumas mudanças em certos contextos. Na oralidade, isso se torna mais difícil, levando em consideração a relação que a pessoa estabelece com o texto discursivo. A linguagem e a escrita têm uma relação muito próxima e, em alguns casos, se misturam. Hoje, existem uma gama de gêneros e textos que fazem essa intertextualidade, um texto que remete a outro, ou uma linguagem que remete a outra, podendo isso aparecer de forma implícita ou explícita.

Os contadores de histórias utilizam bastante os textos multimodais pois eles facilitam uma melhor compreensão da história contada. Nesta categoria de textos, podemos observar uma mixagem de gêneros, onde a linguagem quase sempre está aliada a algum outro elemento, como a imagem, movimentos, gestos, sons, gestos e etc. Isso é uma estratégia muito rica, pois colabora com a aprendizagem das crianças típicas, mais principalmente daquelas atípicas para as quais as imagem ou o som podem ser um atrativo a mais para chamar sua atenção a focar em algo, ou realizar esta ligação da palavra com o seu real significado. Por isso, o contador de histórias tem que está atento aos gêneros e à metodologia que escolhe. Deve ser algo planejado com antecedência e pensado nas necessidades de cada turma.

Um sistema de gêneros compreende os diversos conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que trabalham juntas de uma forma organizada e também as relações padronizadas que se estabelecem na produção, circulação e uso desses documentos. Um sistema de gêneros captura as seqüências regulares com que um gênero segue um outro gênero, dentro de um fluxo comunicativo típico de um grupo de pessoas. (Bazerman, 2005, p.32,33)

O autor, em sua fala, enalteceu a organização dos textos e como eles se moldam para caberem dentro um do outro, adequando-se assim à realidade de cada um. Dessa forma, a intertextualidade acaba acontecendo, e os professores utilizam esse recurso ao seu favor. Porém, não só eles, mas também os próprios alunos. Muitas vezes, isso é utilizado como um exemplo na classe até sem ser percebido. Isso acontece bastante em pessoas que têm hábitos de leituras mais exercitados, pois nossa fala revela muito do que lemos e sobre o que lemos.

## 5 CONCLUSÃO

Diante de todas as observações e reflexões apresentadas, o presente trabalho teve como objetivo principal refletir como a contação de histórias pode colaborar no processo de ensino e aprendizagem das crianças.

Para ser realizada esta pesquisa e obter os resultados finais, foram feitas pesquisas bibliográficas, com o intuito de analisar como se dá o processo de ensino e aprendizagem da criança, e quais as contribuições que a contação de histórias, sendo introduzida nesta primeira fase da alfabetização, pode causar na aprendizagem e no desenvolvimento da criança. Com isso, poder-se oferecer uma base reflexiva para que os interessados pela temática possam compreender o que é, e como deve ser colocada em ação, lembrando sempre que esta prática não deve ser apresentada com cunho moralista.

Assim, colaborando para que a educação possa começar a incorporar a contação de histórias em sua rotina, fazendo uso de diversos recursos nesta contagem, para que, deste modo, ele consiga prender mais a atenção dos ouvintes. Isso pode ser feito de diversas maneiras, com recursos como fantoches, fantasias, utilizando o próprio livro como instrumento, e acompanhado de uma das ferramentas mais importantes, a voz, que deve estar na tonalidade adequada, se moldar de acordo com a cena ou o personagem.

Os meios são inúmeros, desta maneira estimulando então os seus educandos a serem criativos, a terem disciplina de sentar e aprender a ouvir com atenção, e também a contarem e recontarem suas histórias já narradas, e principalmente a se sentirem parte deste processo, e aos poucos vai sendo criado um interesse pelo aprender a ler, para que eles próprios possam contar suas histórias.

O intuito da contação de histórias não é ensinar a ler e escrever, embora que de forma inconsciente o interesse pela leitura seja instigado com esta ação, mas sua verdadeira finalidade é estimular a criança a ser mais participativa, criativa, aguçar nela o prazer pelos livros, e assim, fazer com que ela veja este hábito de ler, antes mesmo dela se tornar leitora de

palavras, para que assim ela veja a leitura como uma prática prazerosa e não como uma obrigação a ser cumprida.

Fica claro que a contação de histórias, ao ser bem desenvolvida, colherá frutos significativos na construção da aprendizagem. É na primeira infância que a criança começa se assemelha a uma esponja, pois ela consegue absorver tudo que está ao seu redor, então, é o momento exato para ensino do boas práticas, e com a contação de histórias, ela desenvolverá não apenas o gosto pela leitura que é primordial, mas também a sua criticidade, desenvoltura enriquece o seu vocabulário, e a sua concentração melhora e aumenta a vontade da criança de comunicar e expressar seu sentimentos.

Por fim, foi chegada á conclusão que o contador de histórias, antes de tudo, deve ser um estudioso da temática, para que ele possa saber a história que melhor se adequa àquela idade série, tendo em vista que o gosto de uma criança de 4 anos não é o mesmo de uma de 8 ou de 10. Por isso, ele deve inovar nas diversas formas de encenação e variar nos recursos para que cada vez mais as crianças se cativem com esta arte.

Elas devem serem estimuladas a contar suas histórias, que podem ser releitura das que elas já ouviram, ou criadas por elas mesmas. Podem serem utilizados elementos que ajudam na incensação, como fantoches, brinquedos, teatro de sombras, desenhos, tudo é válido. Enfim, contar contar histórias é uma arte que possibilita que as pessoas viajem para diferentes lugares, épocas e cenários sem saírem de onde estão.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil: **gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ALIMENTAÇÃO escolar é principal refeição do dia para maioria dos estudantes da rede pública do Rio. **Alimentação Escolar**, 29 mar. 2023. Disponível em: BARTON, D. Literacy: na introduction to the ecology of the written language. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, 1994. 247 p.

BAZERMAN, C. **Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: Como os textos organizam atividades e pessoas**. In: **Gêneros textuais: Tipificação e interação, Tradução e organização** de A. P. Dionísio & J.C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez Ed. 2005. p.19-46

BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental**. Educare et educare- revista de educação. São Paulo, v. 06, n. 12, p. 235-249, jul./dez. 2011. Disponível em: . Acesso em: 10 abr. 2024.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 1983, p. 55.

COENTRO, Viviane Silva. **A arte de contar histórias e letramento literário possíveis caminhos**. 2008. 207 f. Tese (Doutorado) - Curso de Mestre em Linguística Aplicada, Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

DANTAS, Eva Lorena Azevedo. **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO DE LEITORES**. *Revista Caparaó*, Rio Grande do Norte, p.1-13, 21 maio 2019.

DAVID, Ricardo Santos. **Literatura infanto-juvenil: discussões sobre o panorama histórico e gênero literário e suas características. Produção literária. A prática da leitura na escola e na sociedade**. Cadernos discursivos, Catalão, v.1, n.1, p.66- 84, 2016. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/595/o/Ricardo.pdf>. Acesso em 14 abr. 2024.

DORIA, Nailde da Silva; NOVAIS, Sandra; BARTOLOMEI, Milene. **A contação de histórias e suas implicações no processo de formação do pedagogo**. Rte: REVISTA TEMAS EM EDUCAÇÃO, João Pessoa, v. 32, p. 1-18, 2023.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Márcio Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23.ed.São Paulo: Cortez,1989.

GAMA, Ana Beatriz Bolivar da. **A “contação de histórias” no currículo do curso de Pedagogia da Faculdade Metodista Granbery.** 2017. 268 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2017.

GIORDANO, Alessandra. **A arte de contar histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas.** Constr. psicopedagogia. São Paulo, v. 21, n. 22, p. 26-45, 2013.

<https://alimentacaoescolar.org.br/noticias/2023/03/29/alimentacao-escolar-e-principal-refeicao-do-dia-para-maioria-dos-estudantes-da-rede-publica-do-rio/#:~:text=A%20pesquisa%20%E2%80%9CConta%20Pra%20Gente,dessas%20crian%C3%A7as%20dependem%20dos%20alimentos.>

<https://oglobo.globo.com/saude/tablets-celulares-podem-atrasar-desenvolvimentoda-fala-21298389>. Acesso em: 07 jun. 2024.

LEÃO, Deusmaura Vieira. **Aquisição da Língua Escrita: efeitos de singnificantes.** Goiânia: Ed.da PUC Goiás, 2011.

LEÃO, Deusmaura Vieira. **Fundamentos e Metodologias em Educação Infantil I.Apostila do Acadêmico.** UniRV:Rio Verde,p.95-99,2017.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; LEITE, Lucia Pereira; MAIA, Ari Fernando. **O emprego da literatura na educação infantil: a investigação e intervenção com professores de pré- escola.** Rev. psicopedagogia. São Paulo,v. 28, n. 86, p. 144- 155, 2011.

SILVA,,MariaElianeda.**A importância da contação de histórias na alfabetização.** 2016.20f.TCC(Graduação) –Curso de Pedagogia,Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2016.

SILVEIRA, Juliana Rodrigues. **A importância da prática de contação de histórias no ensino infantil.** 2019. 74 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Cap. 6.

SOARES,,M.B.**Letramento e escolarização.**In:RIBEIRO,Vera Masagão. (Org.) Letramento no Brasil. Global Editora, São Paulo, 2003. p. 89-113.

TOLKIEM,JohnR.R.**Sobre histórias de fadas.**São Paulo:Conrad Editora do Brasil, 2006.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Libertato.**Contação de história: resgate da memória e estímulo à**

**imaginação. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, 4 (1): 01-08, jan/jun 2008.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Brasil tem 10 milhões de analfabetos, apesar da queda na taxa em 2022. Jornal da USP**, 2023. Disponível em:

[https://jornal.usp.br/atualidades/brasil-tem-10-milhoes-de-analfabetos-apesar-da-queda-na-taxa-](https://jornal.usp.br/atualidades/brasil-tem-10-milhoes-de-analfabetos-apesar-da-queda-na-taxa-2022/#:~:text=De%20acordo%20com%20os%20dados%2C%20a%20taxa%20de%20analfabetismo%20caiu,490%20mil%20analfabetos%20a%20menos)

2022/#:~:text=De%20acordo%20com%20os%20dados%2C%20a%20taxa%20de%20

analfabetismo%20caiu,490%20mil%20analfabetos%20a%20menos

acesso

em:

7

maio.

em-

2024